

**FUTEBOL FEMININO, ESCOLA E CULTURA: POSSÍVEIS IMPACTOS  
DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NA PERSPECTIVA DAS ATLETAS**

**WOMEN'S SOCCER, SCHOOL AND CULTURE: POSSIBLE IMPACTS OF  
PHYSICAL EDUCATION CLASSES FROM THE PERSPECTIVE OF  
ATHLETES**

**FÚTBOL FEMENINO, ESCUELA Y CULTURA: POSIBLES IMPACTOS DE  
LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA DESDE LA PERSPECTIVA DE LAS  
DEPORTISTAS**

**Raphaela Pimenta Peres Ribeiro**

<https://orcid.org/0009-0008-6909-4662> 

<https://lattes.cnpq.br/8851933664919185> 

Centro Universitário Gama e Souza (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)  
raphappr@hotmail.com

**Marconi Silva de Andrade**

<https://orcid.org/0000-0002-3443-6422> 

<https://lattes.cnpq.br/2901169411059169> 

Universidade Estácio de Sá (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)  
coni.andrade@gmail.com

**Gabriela Conceição de Souza**

<https://orcid.org/0000-0001-6493-1208> 

<https://lattes.cnpq.br/8243511478514528> 

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)  
gabriela.souza@ifrj.edu.br

**Felipe da Silva Triani**

<https://orcid.org/0000-0001-6470-8823> 

<https://lattes.cnpq.br/6974478230916756> 

Universidade Estácio de Sá (Rio de Janeiro, RJ – Brasil)  
felipetriani@gmail.com

**Resumo**

O obstáculo à expansão do futebol feminino no Brasil foi principalmente o preconceito, usando justificativas biológicas, culturais e psicológicas. Nas aulas de Educação Física, o futebol era dominante para meninos, enquanto as meninas tinham atividades infantis, e o voleibol era preferido, perpetuando a desigualdade de gênero no esporte. Este estudo teve como objetivo conhecer as relações entre a prática do futebol feminino com a Educação Física escolar, analisando os impactos das aulas sobre a iniciação esportiva do futebol feminino. A metodologia utilizada foi a história oral para coletar experiências de vida visando preencher lacunas em documentação, evitando viés de quem normalmente registra os eventos. Concluiu-se que, a escola não foi o principal local de iniciação ao futebol feminino. Embora as aulas de Educação Física não ofereçam muitas oportunidades, percebemos que houve a influência na decisão em se tornarem atletas de futebol principalmente nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

**Palavras-chave:** Futebol feminino; Escola; Esporte.



### Abstract

The obstacle to the expansion of women's football in Brazil was mainly prejudice, using biological, cultural and psychological justifications. In Physical Education classes, football was dominant for boys, while girls had children's activities, and volleyball was preferred, perpetuating gender inequality in sport. This study aimed to understand the relationships between the practice of women's football and school Physical Education, analyzing the impacts of classes on the initiation of women's football. The methodology used was oral history to collect life experiences in order to fill gaps in documentation, avoiding bias from those who normally record the events. It was concluded that the school was not the main place for initiation into women's football. Although Physical Education classes do not offer many opportunities, we realized that there was an influence on the decision to become football athletes, especially in the Final Years of Elementary School.

**Keywords:** Women's Football; School; Sport.

### Resumen

El obstáculo a la expansión del fútbol femenino en Brasil fueron principalmente los prejuicios, esgrimiendo justificaciones biológicas, culturales y psicológicas. En las clases de Educación Física, el fútbol era dominante para los niños, mientras que las niñas tenían actividades infantiles y se prefería el voleibol, perpetuando la desigualdad de género en el deporte. Este estudio tuvo como objetivo comprender las relaciones entre la práctica del fútbol femenino y la Educación Física escolar, analizando los impactos de las clases en la iniciación al fútbol femenino. La metodología utilizada fue la historia oral para recopilar experiencias de vida con el fin de llenar vacíos en la documentación, evitando sesgos por parte de quienes normalmente registran los hechos. Se concluyó que la escuela no era el lugar principal de iniciación al fútbol femenino. Si bien las clases de Educación Física no ofrecen muchas oportunidades, nos dimos cuenta de que sí influyaba en la decisión de ser deportistas de fútbol, especialmente en los últimos años de la Educación Primaria.

**Palabras clave:** Fútbol Femenino; Escuela; Deporte.

## INTRODUÇÃO

O futebol praticado por mulheres no Brasil apresenta um histórico conturbado de preconceitos e proibições que resultam no escasso registro de informações acerca dessa prática. Estamos partindo do pressuposto que tais fatos se devem pelo esporte ter sido implantado no final do século XIX como produtor e reproduzidor de atributos de masculinidade – como a liderança, o preparo físico, o combate “corpo a corpo”, o lazer fora de casa e anos mais tarde, a profissionalização – ocasião em que as mulheres participavam na categoria de expectadoras ou como praticantes lúdicas (MOURÃO, 2000).

Embora a primeira partida de futebol feminino oficial tenha sido atribuída ao jogo das Tremembeenses e Catarinenses em Tremembé, São Paulo, no ano de 1921, divulgado no jornal “A Gazeta” como uma curiosa atração ao público, tão curiosa que depois disso se tornou atração nos circos, há indícios de uma partida realizadas entre meninas do Vila Isabel no campo do antigo Zoológico do Rio de Janeiro, em 2015 (BONFIM, 2019). Com essa adesão, as práticas deste esporte passaram a ocorrer em estádios e isso não agradou a maioria, que, somado a movimentos de maior participação das mulheres nos espaços públicos, sobretudo nos movimentos sufragistas, além de maior preocupação com a saúde da mulher, por parte dos médicos higienistas, houve o início de discursos de “preocupação” em o que deveria ser mais adequado às práticas corporais das mulheres, principalmente no meio esportivo. Com isso, em





1937, a revista de educação física do exército, publicou um exemplar que recomendava que as mulheres não deveriam praticar certos esportes, dentre eles o futebol. O Conselho Nacional de Desportos (CND), acatando as recomendações médicas, proibiu a prática da atividade argumentando que o esporte era mais inadequado para a natureza da mulher. Em 1941, no governo militar, dando ênfase na proibição foi lançado um Decreto-Lei nº 3199, artigo 54 dizendo: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (TARRISSE, 2019). Em 1965, os militares ratificaram o decreto-lei, especificando o futebol e outras modalidade. Mas só em dezembro de 1979, que o Decreto-Lei foi revogado, tornando o futebol para as mulheres uma prática legal.

Sobre o tema Souza, Maux e Rebouças (2019) afirmam que o futebol foi inicialmente associado como uma prática esportiva masculina no Brasil e até meados do século XIX, as mulheres pouco eram vistas na esfera pública. A partir da segunda metade do referido século, as mulheres passaram a ocupar mais espaços públicos e ter participação mais ativa na vida social. Foi nessa época que passaram a ser expectadoras dos esportes praticados pela elite brasileira, tais como o remo, o turfe e, posteriormente, o futebol. A entrada das mulheres no universo do futebol se deu, como visto, através dos papéis de torcedora e jogadora, sendo eles os mais clássicos e populares. Ao longo do tempo, foram surgindo outros espaços de inserção, como na arbitragem, no comando técnico de times e na gestão do futebol.

Após a legalidade, o futebol feminino foi finalmente regulamentado e o calendário de jogos e campeonatos passaram a existir. A partir de 1981 foram fundados os primeiros campeonatos e torneios de futebol de areia. Em 1983 a realização do primeiro Campeonato Carioca de Futebol de Campo Feminino, o Copertone Copacabana Beach com a presença de 14 clubes, entre eles alguns times internacionais, e a 1º Taça Brasil. Em 1986, ocorreu, no Maracanã, o primeiro clássico Fla x Flu disputando a final do Campeonato Carioca. Em 1988, ocorreu o 1º Mundial de Futebol de campo da China e a 1ª Copa do Mundo de futebol feminino oficial pela Federação Internacional, foi em 1991, também na China. Com isso, por passos pequenos a categoria passou a ganhar mais espaço e visibilidade no mundo do esporte, mesmo enfrentando grandes dificuldades, as mínimas conquistas começaram a chamar atenção dos responsáveis das federações (MOREL; SALLES, 2006).





Uma das maiores conquistas do futebol feminino ocorreu em 2019, quando a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) tornou obrigatório todos os clubes da série A do Campeonato Brasileiro a montar um time feminino adulto e um de base. Essa medida faz parte de um documento que controla a temporada de competições profissionais e segue orientações da Conmebol, que é uma instituição esportiva que organiza competições internacionais. Sendo assim, clubes que participam da Libertadores e Sul-Americana também foram obrigados a expandir o mundo feminino (ALMEIDA, 2020).

Entretanto, como podemos verificar no texto de Goellner (2020) as estratégias de equidade de gênero e reparação histórica com o futebol feminino não são lineares, de forma que há avanços e recuos nas conquistas. Muitas foram as atletas que se expuseram na mídia nacional e internacional para reivindicar melhores condições para a seleção brasileira feminina e chegaram a sofrer retaliações, como a ex-jogadora Sisleide do Amor Lima (Sissi), ainda no início dos anos 2000, e mais recentemente, a partir de 2017, Cristiane Rozeira (Cris) largou a seleção, seguida por Francielle Alberto (Fran), Rosana Augusto, Andreia Rosa e Maurine Dornelles Gonçalves. Dentre mulheres que resistem aos desafios de permanecer na seleção brasileira de futebol, incluindo mulheres em cargo de liderança, estão aquelas que fazem história dentro e fora das quatro linhas. A busca por um calendário de ações, como jogos com regularidade, pagamentos justos, licitações e orçamentos específicos, têm sido um respiro para as mulheres que permanecem, mas sem perder a atenção em estar constantemente atentas aos retrocessos.

Muitas meninas sonham em ser atletas de futebol feminino, almejam espaços no esporte como os meninos, buscando por oportunidades que lhe façam crescer e evoluir dentro da categoria. O futebol feminino sofreu e ainda sofre pelo desenvolvimento e reconhecimento, é interessante ressaltar o espaço em que a mulher vem conquistando, dia após dia, em uma área que carece da devida valorização. Segundo Oliveira (2021), a escola pode, por sua vez, ser uma porta de entrada para todos os esportes, sendo assim, um dos primeiros acessos e oportunidades para as meninas, além de também viabilizar desmitificação das opiniões masculinizadas e preconceitos culturais.

A ocultação de conteúdos como a mídia e os estudos também dificultam o reconhecimento do esporte. De acordo com Goellner (2021), é perceptivo que o futebol feminino não tem o mesmo tratamento e espaço dentro da mídia como tem o esporte masculino, várias seriam as razões que explicam esse acontecimento como, por exemplo, o





histórico do futebol brasileiro e a difícil inserção da mulher dentro deste esporte que é tratado como uma reserva exclusivamente masculina, constituindo-se em um espaço privilegiado de exercício de poder.

Apesar do crescimento significativo da categoria, ainda são encontradas barreiras em lugares que tem como objetivo contribuir para a formação do cidadão, o que implica colocar-se contravalores e práticas sociais que desrespeitam a dignidade da pessoa. Na escola, os professores de Educação Física utilizam o esporte para desenvolvimento global dos educandos. Geralmente, o handebol, futebol e voleibol são os esportes mais trabalhados na Educação Básica (OLIVEIRA, 2021). Alguns professores preferem separar meninos e meninas nos esportes, sendo possível notar nesses casos, em número significativo, uma “preferência” na utilização do voleibol para as meninas e futebol para os meninos. Assim, entende-se o vôlei como “mais delicado, menos lesivo” para as meninas e o futebol como mais desgastante para os meninos que são “naturalmente mais agitados” (BALDANZA, 2007).

Porém, de acordo com Souza Júnior e Darido (2002), as atribuições do professor de Educação Física na escola vinculam-se à finalidade de contribuir para a formação global do cidadão, incluindo-se assim, os aspectos biológico, cultural, social e afetivo. Dentro desta perspectiva cabe ressaltar a importância de proporcionar a todos os educandos, indistintamente, as mesmas oportunidades de aprendizado. No entanto, na prática podemos observar uma diversificação de tratamentos para meninos e meninas, perpetuando os modelos sexualmente tipificados pela família e sociedade (SOUZA JUNIOR; DARIDO, 2002).

Portanto, o objetivo desse manuscrito é conhecer as relações entre a prática do futebol feminino com a Educação Física escolar, analisando os impactos das aulas sobre a iniciação esportiva do futebol feminino.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente artigo apropriou-se da História Oral como estratégia metodológica para o desenvolvimento do estudo. O método consiste em registrar as experiências de vida de pessoas (ou grupos), a fim de preencher lacunas existentes tendo em vista que a formalização e a documentação de fatos e acontecimentos são majoritariamente realizadas por pessoas que possuem o mesmo ponto de vista ou que representam e/ou fazem parte do mesmo grupo de pessoas (OLIVEIRA; OLIVEIRA; CORREIA, 2021).





De acordo com Matos e Senna (2011, p. 96), “[...] a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas à historiografia, pois o historiador muitas vezes, necessita de documentos variados, não apenas os escritos”. Portanto, entende-se que a fonte oral não é apenas uma memória particular do sujeito entrevistado, mas sim, é a lembrança de um indivíduo inserido em um contexto social, que vivenciou fatos e acontecimentos que marcaram sua trajetória.

Foram selecionadas oito atletas federadas de futebol feminino, o critério utilizado para seleção das participantes foi por conveniência que de acordo com Prodanov e Freitas (2013) são o tipo menos rigoroso de amostragem, caracterizadas pela falta de rigor estatístico. Nesse método, o pesquisador seleciona elementos acessíveis e presume que eles, de alguma forma, representarão o universo de estudo. Esse tipo de amostragem é comumente aplicado em estudos exploratórios ou qualitativos, nos quais a precisão estatística não é uma exigência primordial.

As atletas participantes são de diferentes clubes, isto é, não foi selecionado nenhum clube de futebol feminino especificamente. O primeiro contato com as atletas para participar da pesquisa foi por meio da rede social *Instagram*. As atletas que responderam foram convidadas a participar da pesquisa e a colaborar de maneira voluntária.

Após o aceite em participar, foram agendadas entrevistas com as atletas. A entrevista consistiu em pedir para as atletas contarem a sua trajetória no esporte. Adicionalmente, alguns estímulos foram dados, tais como o primeiro contato com a modalidade, aula de Educação Física na escola, influências sobre ser atleta e o período da escola em que escolheu ser atleta.

Cabe ressaltar que toda pesquisa que envolve a participação de seres humanos deve seguir algumas exigências éticas, respeitando o participante da pesquisa em sua dignidade e autonomia. Para isso antes da realização da entrevista o trabalho é submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) que:

[...] é um órgão institucional e tem a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética de pesquisas a serem desenvolvidas na instituição, de modo a proteger a integridade e os direitos dos voluntários participantes nessas pesquisas. Integra o sistema CONEP-CEP, que tem um papel importante no controle social das pesquisas com seres humanos. (SÃO PAULO, 2010, p. 13).

Este trabalho foi devidamente submetido e aprovado pelo CEP a partir do número CAAE 18921319.2.0000.5282.





## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para analisarmos as histórias construídas pelas informantes destes estudos, subdividimos em categorias que nos ajudam a pensar as suas construções enquanto atletas, mas também as relações entre a prática do futebol feminino com a Educação Física escolar, além de analisar os impactos das aulas sobre a iniciação esportiva do futebol feminino.

### O primeiro contato com o futebol

A entrevista foi iniciada pedindo para que as atletas, além de falar sua trajetória no futebol, relatassem seu primeiro contato com a modalidade. Visualizando as respostas das atletas, de acordo com a Tabela 1, 25% das meninas iniciaram o esporte na escola, 50% começaram na rua tendo o primeiro contato e os outros 25% em projetos, com isso, nota-se que, para o grupo estudado, a escola não foi a porta de entrada para praticar o futebol feminino. E ainda assim, somente duas receberam a oportunidade de ter o primeiro contato com o esporte na escola.

**Tabela 1** – Primeiro contato com o futebol

LOCAL	%
Escola	25%
Rua	38%
Projeto	25%
Outro	13%

**Fonte:** construção dos autores.

Souza Júnior (2000) procurou implementar um programa de futebol feminino para uma turma de 5ª série, no sentido de verificar as opiniões e as atitudes das garotas. Na ocasião, observou que a maioria das estudantes já tinham experienciado o futebol, mas a escola não foi citada como o local de primeiro contato com a prática. Em outro estudo, Tódaro (1997) entrevistou jogadoras de futebol feminino com passagens pela seleção brasileira, e novamente a escola não foi indicada como um dos locais da iniciação futebolística delas.

Contribuindo com estes achados, Oliveira (2021), identificou que de todos os atletas que participaram dos Jogos Olímpicos de 2012, 2016 e 2020, no que se refere ao futebol, embora em 2012 nenhuma tenha tido origem na escola, do total, 17% tiveram seu primeiro contato com o futebol na escola. Os clubes e escolinhas de modalidade ainda foram os mais representativos espaços de contato com o esporte. O que nos mostra que, no que se





refere ao futebol, as peneiras em grandes cules e escolinhas são as mais procuradas, mesmo para as meninas.

A resposta da Atleta 1, fornece indícios de como tem sido esse processo de iniciação e/ou de primeiro contato com a prática do futebol feminino.

**Atleta 1:** Tive na escola e em casa com meu pai, mas nada sério, jogava, pois, gostava mesmo. Com 9 anos comecei em uma escolinha de futebol que era só para os meninos, mas tinha eu e mais 2 meninas no meio deles.

Nessa perspectiva, Faria Júnior (1995) assinala que um dos motivos para o atraso da prática do futebol pela mulher tenha sido devido à pouca participação e oportunidades oferecidas a elas, com uma Educação Física injusta, burguesa, branca e machista. Em 1999, Altmann, denunciava os espaços ocupados por meninos nas aulas de educação física escolar, sobretudo na modalidade de futebol. Entretanto, até as primeiras décadas do século XXI, ainda existem estudos que apontam estes espaços ocupados majoritariamente por meninos, com destaque às práticas do futsal (MALVAR, 2020).

No entanto, Malvar (2020) identificou que houve resistência por parte das meninas nos casos identificados de sexismo, e que sem o processo de conscientização sobre os mecanismos de opressão exercidos pelos meninos sobre si, elas não teriam sido capazes de participar das práticas. Este achado acompanha os avanços da adesão e permanência de meninas e mulheres em esportes que há poucas décadas eram proibidos. Porém, se por um lado, observa-se avanços, por outro, percebe-se a necessidade de resistência e atenção para evitar retrocessos, como visto na própria seleção brasileira em 2017 ao sofrer retaliações ao manifestarem melhorias.

Estes achados nos mostram que a estrutura patriarcal e machista ainda gera modelos que excluem, negam e rejeitam as meninas e mulheres das práticas esportivas, revelando poucos avanços quanto a adesão das mulheres ao futebol em especial. Quando retomamos a história de participação das mulheres no futebol, desde sua primeira aparição no circo Irmãos Queirolo, na década de 1920, já podemos observar o “espaço” em que elas conseguiam ocupar para praticar o esporte que gostavam. O espaço de estranhamento, entretenimento, e abjeção a práticas que não eram aconselhadas a elas, mostram que há uma construção histórica do espaço em que elas supostamente deveriam ocupar. O cuidado higienista e eugenista dos anos 1930, ainda pairam em espaços de representação do poder patriarcal como nas quadras escolares, como vimos nos estudos que vão de Altmann (1999) a Malvar (2020).





As questões de gênero estão profundamente articuladas com a prática do futebol feminino no Brasil e em outros lugares. O gênero é uma forma primária de exercício de poder entre homens e mulheres e está profundamente articulado com outros marcadores sociais, permitindo esmiuçar os processos por meio dos quais a cultura produz práticas relacionadas ao gênero no futebol. As mulheres tiveram que elaborar estratégias para viver o futebol e lutar por seus direitos e garantir seu espaço na modalidade. Essas informações são importantes para entendermos como as questões de gênero afetam a prática do futebol feminino e como as mulheres têm enfrentado esses desafios. No entanto, é importante destacar que ainda há muito a ser feito para garantir a igualdade de gênero no futebol e em outras áreas da sociedade, e que a luta das mulheres por seus direitos e espaço na modalidade deve ser contínua e constante (GOELLNER, 2021).

Essa discussão já vem ganhando o campo da pesquisa nos últimos anos como apontado na produção realizada por Beirith, Araldi e Folle (2021), que buscou investigar as produções científicas que estão relacionadas com o futebol feminino, em teses e dissertações. O corpus encontrado foi um total de 19 trabalhos na área da Educação Física nas últimas décadas (2011-2020) e apesar de ser um tema relevante e que vem sendo discutido há alguns anos destaca-se a ausência de pesquisas nacionais relacionadas à produção de teses e dissertações sobre futebol de mulheres na última década, apontando para uma lacuna na produção sobre o tema.

Portanto, a falta de espaço para o futebol feminino nas escolas brasileiras, mostram que a minoria das meninas teve seu primeiro contato com o esporte na escola, esse dado reflete uma longa história de exclusão das mulheres do futebol. Mesmo diante de avanços na adesão das mulheres ao futebol, ainda é necessária uma constante luta contra o sexismo e a falta de oportunidades. É importante enfatizar a importância de entender as questões de gênero no futebol feminino e a necessidade contínua de lutar por igualdade de gênero na modalidade e na sociedade em geral.

## **Futebol na Educação Física escolar**

No que se refere à prática do futebol para meninas e a participação delas na prática, o estudo observou os seguintes resultados:





**Tabela 2** – Sobre o conteúdo futebol feminino nas aulas de Educação Física das atletas no período escolar

Futebol Feminino	%
Sim	25%
Não	75%

**Fonte:** construção dos autores.

Mesmo com o desejo em praticar, a maioria das meninas, com 75% do total, não recebiam incentivo e oportunidade suficiente pela escola para trilhar a carreira no esporte. Vale lembrar que, depois do ambiente familiar, os primeiros contatos do indivíduo com a sociedade acontecem no espaço escolar. Na escola a criança possui a oportunidade de conviver e passar pelas partes mais importantes da infância, pois é nela que ocorre o contato com alguns direcionamentos e posicionamentos frente as regras e normas que devem ser estabelecidas ao longo da vida (DARIDO, 2001).

Um documento importante que contribui para a discussão e reflexão acerca dos esportes na Educação Física escolar como a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) documento que foi homologado em abril de 2017. Na BNCC, a Educação Física é enquadrada no currículo de linguagens, ao lado de disciplinas como Arte, Língua Portuguesa e, a partir dos anos finais do Ensino Fundamental, Língua Inglesa. Essa inclusão tem como objetivo proporcionar aos alunos uma ampla gama de práticas que abrangem expressões artísticas, corporais e linguísticas. Dessa forma, a Educação Física, dentro do ambiente escolar, aborda diversas formas de atividades expressivas corporais, tais como jogos, esportes, dança e ginástica, que juntas compõem uma área de conhecimento denominada de cultura corporal.

Segundo Costa (2019) a Educação Física escolar promove a diversidade de tipos estéticos, padrões de desempenho, raças e gêneros, com o objetivo de proporcionar experiências significativas, enfatizando que o rendimento não deve ser a principal preocupação. Destaca-se a necessidade de combater estereótipos de gênero, apontando que a segmentação de atividades físicas é influenciada por concepções biológicas, principalmente a ideia de que as mulheres são mais frágeis e os homens mais fortes.

Ainda de acordo com o autor a BNCC é citada como uma fonte que busca eliminar o preconceito de gênero nas práticas corporais e menciona que essa diferença de gênero é originada na cultura e não na escola. Além disso, ressalta que a participação das mulheres no esporte, especialmente em modalidades tradicionalmente masculinas como futebol e futsal, é um desafio devido à história de preconceito e à valorização da aparência feminina.





Além dessas contribuições para o desenvolvimento da pessoa, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), os esportes de invasão fazem parte do currículo da Educação Física, categoria em que o futebol está presente.

Para Malvar (2020) em sua intervenção como futsal na escola, identificou que a cultura em geral, mas também e mais fortemente a escolar, “influenciam no comportamento das meninas em relação às práticas corporais nas aulas de Educação Física” (Malvar, 2020, p. 53). Porém, novas propostas de intervenção, mais tempo e planejamento para pensar formas de modificação deste modelo machista e excludente no espaço escolar, principalmente em esportes como o futebol. Além disso, o autor apontou que o papel do professor neste processo é fundamental. No entanto, ainda que a comunidade científica apresente argumentos a favor da participação feminina, as narrativas das atletas entrevistadas permitem identificar indícios de que se a menina quiser participar da prática do futebol, ela deverá se inserir no contexto do jogo masculino.

**Atleta 1:** Eu jogava com os meninos.

**Atleta 3:** Era mais para os meninos.

**Atleta 6:** Jogava e competia com os meninos.

De acordo com Freitas, Bazhuni e Lima (2023), a presença feminina em todos os esportes sempre foi ofuscada pela presença masculina. Para a autoria, os meios de comunicação, o ambiente familiar e escolar apresenta uma resistência e a não aceitação da imagem da mulher no esporte e mais ainda no futebol.

Demonstrando a importância da escola, uma das funções presentes na Educação Física é a formação do cidadão. Esse componente curricular faz parte de um processo de cidadania que norteia a formação das crianças nas escolas, fazendo com que elas passem a ter maior capacidade social em relação ao respeito mútuo. Assim, é preciso inserir a criança dentro do ambiente cultural para adquirir a capacidade de analisar, fazer críticas e compreender tudo aquilo que se passa no seu cotidiano. Isso permite que a criança possa interferir, organizar e reivindicar seu espaço de forma mais autônoma (DARIDO et al., 2001).

Partindo do pressuposto que as aulas de Educação Física, por serem pouco inclusivas no que se refere à participação das meninas no futebol, uma das questões emergentes nas entrevistas foi sobre a possibilidade de a aula de Educação Física escolar ter





influenciado de alguma maneira na escolha das meninas em se tornarem atletas de futebol. A Tabela 3 apresenta o resultado dessa questão.

**Tabela 3** – Sobre a influência da aula de educação física na escolha em ser atleta

Influência da aula	%
Sim	75%
Não	25%

**Fonte:** construção dos autores.

Apesar de pouca oportunidade na escola para jogar o futebol feminino, 75% das meninas entrevistadas se sentiram motivadas e influenciadas pela Educação Física. Segundo Galvão (2002), o professor é responsável por muitas vivências e descobertas, podendo elas serem boas ou não. Sendo assim, a prática pedagógica deve oferecer diversas possibilidades de vivenciar experiências motoras, sejam elas por meio de jogos, brincadeiras e/ou outras práticas corporais para que os estudantes possam se encaixar em alguma delas e siga com bons hábitos para o resto da sua vida.

As narrativas das atletas coadunam com a influência da Educação Física na decisão em ser atleta. Para as meninas entrevistadas, ainda que o futebol feminino não tenha sido uma prática amplamente ofertada, contribuições como a participação em competições, vivenciar o meio esportivo e o desenvolvimento do gosto pelo esporte parecem terem sido aspectos decisivos na conformação do ser atleta.

**Atleta 1:** Eu estudei quase minha vida toda em uma escola onde eu fazia basquete e vôlei. Então meu espírito competitivo e esportivo aumentou muito por lá e como não tinha futebol para as meninas eu jogava na hora do intervalo mesmo.

**Atleta 2:** [...] claro, era mais uma forma de me colocar no meio... assim me deixando com mais vontade de jogar.

**Atleta 3:** Tinha sim, ajudaram na paixão pelo esporte em geral, natural ser minha aula preferida. Consequentemente auxílio da escolha da profissão.

Outra questão emergente ao longo das entrevistas foi sobre o período em que as atletas optaram por trilhar essa carreira. Esse tema foi organizado no Quadro 4 que permite identificar o momento em que perceberam que seguiriam a carreira de atleta.



**Tabela 4** – Sobre o período da escola em que escolheu ser atleta

<b>Etapa da Educação Básica</b>	<b>%</b>
Ensino Fundamental – Anos Iniciais	25%
Ensino Fundamental – Anos Finais	62,5%
Ensino Médio	12,5%

**Fonte:** construção dos autores.

Algumas narrativas afirmam, inclusive, que não houve um momento específico, mas desde sempre o sonho se fez presente.

**Atleta 3:** Desde criança sempre que me perguntavam a resposta era a mesma, ser jogadora de futebol, nunca respondi outra coisa.

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017), o momento de maior contato com a prática esportiva na escola é nos Anos Finais do Ensino Fundamental, uma vez que nos Anos Iniciais o conteúdo esportivo é menor, quando comparado a presença de objetos de conhecimento como Brincadeiras, Jogos e Ginásticas.

De acordo com Broch (2021), no período da Educação Infantil, as crianças de quatro e cinco anos participam de atividades esportivas sem o entendimento competitivo nos jogos, a participação delas é o que causam a felicidade e alegria. Por isso, pode ser interessante e produtivo a implementação do futebol para todos os sexos, ajudando a desmistificar a ideia do esporte ser uma prática masculina.

A prática esportiva possui significância direta nos processos de desenvolvimento desde a infância. Preparar os jovens dentro da iniciação esportiva faz parte de uma etapa complexa, uma vez que está relacionada com a atenção das relações interpessoais. Essa afirmação é comprovada com o fato de o esporte abranger diversos pontos e níveis que podem ser analisados e investigados, como: objetivos, jogos, comunicação em grupo, funções relativas aos treinos, tipos de vínculos entre jogadores e familiares, bem como com os torcedores, a vivência dentro das próprias instituições (TODT, 2007).

Evidências desse envolvimento com o esporte, com a iniciação esportiva, também foi um elemento presente em uma das narrativas, conforme pode ser observado na Atleta 6.

**Atleta 6:** Na quarta série, tinha 10 anos. Me mudei pra Belo Horizonte por causa do esporte, porque lá o clube bancava tudo, então esporte virou a prioridade a partir daí.

Segundo Goellner (2005) as mulheres enfrentaram várias barreiras para jogar futebol no Brasil, como a proibição oficial de certas modalidades esportivas pelas mulheres. Embora tenha havido avanços na organização do esporte no país, ainda há muitas barreiras para as mulheres no futebol, como a falta de campeonatos, contratações efêmeras e a falta de





políticas públicas e privadas direcionadas para o incentivo às meninas e mulheres que desejam praticar esse esporte. Infelizmente, as políticas públicas de lazer não têm afetado significativamente a participação das mulheres no futebol brasileiro.

Essa situação é preocupante, pois a falta de incentivo e apoio pode desencorajar as mulheres a praticar esportes e limitar suas oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional. É importante que sejam criadas políticas públicas e privadas que incentivem a participação das mulheres no futebol e em outros esportes, para que possam ter as mesmas oportunidades que os homens e para que possam contribuir para o desenvolvimento do esporte no país.

Os resultados mostram que a escola não foi o principal local de iniciação ao futebol feminino, a maioria teve seu primeiro contato nas ruas ou em projetos. As aulas de Educação Física não ofereceram muitas oportunidades. No entanto, a maioria afirmou que as aulas de Educação Física influenciaram sua decisão de se tornarem atletas de futebol, desenvolvendo o interesse durante os Anos Finais do Ensino Fundamental. Isso sugere que, apesar das barreiras, a escola desempenhou um papel crucial no incentivo ao esporte, embora o futebol feminino ainda enfrente desafios no contexto predominantemente masculino do esporte.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando o objetivo deste manuscrito em conhecer as relações entre a prática do futebol feminino com a Educação Física escolar, analisando os impactos das aulas sobre a iniciação esportiva do futebol feminino, podemos concluir que, embora a prática pedagógica da Educação Física na escola ainda apresente limitações quanto a participação das meninas na prática do futebol, ou mesmo da tematização do futebol feminino, os impactos da vivência do esporte no ambiente escolar influenciam a decisão em se tornarem atletas.

Devido aos argumentos ideológicos acompanhados de preconceitos e o não reconhecimento midiático, a prática de futebol feminino ficou durante muito tempo oculta e desvalorizada. Ainda que existam alguns pontos que podem ser destacados para demonstrar os possíveis impactos da ausência de oportunidades, o preconceito vivenciado no ambiente familiar, escolar e na mídia, são pontos de atenção e que merecem ser ressignificados.

Projetados dentro do ambiente familiar e escolar, argumentos sexistas e de origens antigas relacionado ao que era comum de se ver somente em homens devido a estrutura





masculina e força disputada. Ao enxergar mulheres no mesmo ambiente, se torna visível o quanto falta para a prática do futebol feminino se tornar aceitável e comum.

A família carrega uma grande importância, pois, é a base estrutural de toda criança. Com isso, é necessário que seja um dos primeiros lugares a oferecer apoio e incentivo para que as meninas se sintam motivadas para praticar o esporte que quiser, sem que os ataques preconceituosos as afetem. As escolas também compartilham desta mesma importância, na medida em que é um ambiente onde se insere o esporte e precisa trazer igualdade a todos para que a prática não seja exclusiva ao público masculino.

É evidente que o futebol feminino enfrentou um longo período de invisibilidade e desvalorização, permeado por argumentos ideológicos e preconceitos enraizados na sociedade. Contudo, à medida que desvendamos essas barreiras, especialmente aquelas relacionadas ao preconceito no seio familiar, escolar e na mídia, torna-se claro que é imperativo ressignificar esses aspectos.

Família e escola desempenham um papel crucial na mudança de mentalidades, pois são onde valores são forjados e onde as jovens devem encontrar apoio e incentivo para praticar o esporte de sua escolha, independentemente de estereótipos de gênero, embora persistam desafios na inclusão do futebol feminino nas práticas educacionais, a vivência do esporte nas aulas de Educação Física é uma poderosa ferramenta para inspirar as futuras atletas, promovendo a igualdade e desmistificando estereótipos, tornando o futebol feminino cada vez mais acessível e comum.

Por fim, não apenas novos estudos que monitorem e descrevam os avanços e recuos são necessários, mas, para além, é preciso pensar como a Educação Física "na" e "da" escola pode contribuir como primeiro acesso a prática esportiva, sobretudo àquelas que possuem um histórico de restrições às mulheres, com aulas coeducativas e desconstrução de estereótipos de gênero no esporte desde os anos iniciais.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Beatriz Rausse. O futebol feminino brasileiro: desafios e perspectivas. **Universidade do futebol**, 2020. Disponível em: <<https://universidadedofutebol.com.br/2020/08/22/>>. Acesso em: 19 jun. 2023.

ALTMANN, Helena. Marias (e) homens nas quadras: sobre a ocupação do espaço físico escolar. **Educação e Realidade**, v. 24, n. 2, p. 157-173, 1999.





BALDANZA, Mayra. O futebol feminino na escola. **Revista educação pública**, v. 7, n. 43, p. 1-2, 2007.

BEIRITH, Mariana Klauck; ARALDI, Franciane Maria; FOLLE, Alexandra. Produção científica relacionada ao futebol de mulheres em teses e dissertações brasileiras na área da educação física. **Movimento**, v. 27, e27064, p. 1-22, 2021.

BNCC, **Base Nacional Comum Curricular**. Educação física no ensino fundamental - anos finais: unidades temáticas, objetos de conhecimento e habilidades. Disponível em: <<https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/educacao-fisica-no-ensino-fundamental-anos-iniciais-unidades-tematicas-objetos-de-conhecimento-e-habilidades>> Acesso em: 02 set. 2023.

BONFIM, Aira. Fernandes. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos**: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941). 2019. 213f. Dissertação (Mestrado em História). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2019.

BROCH, Marina. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Temporalidades**, v. 13, n. 1, p. 695-705, 2021.

COSTA, Rheuel Lima da. **Futsal Feminino**: a educação física escolar contribui para a escolha da modalidade como prática? 2019. 52f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, 2019.

DARIDO, Suraya Cristina e colaboradores. A educação física na escola, a formação do cidadão e os parâmetros curriculares nacionais. **Revista paulista de educação física**, v. 15, n. 1, p. 17-32, 2001.

FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes. Futebol Questões de Gênero e Coeducação: Algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. **Pesquisa de campo**, n. 2, p. 17-39, 1995.

FREITAS, Vinicius; BAZHUNI, Rosayna; LIMA, Jacqueline. Resistências e desafios na prática do futebol feminino. **Mosaico**, v. 14, n. 1, p. 26-36, 2023.

GALVÃO, Zenaide. Educação física escolar: a prática do bom professor. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 1, n. 1, p. 65-72, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista brasileira de educação física e esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

\_\_\_\_\_. Nós convidamos a CBF a trazer reformas de igualdade de gênero para o Brasil. Ludopédio. São Paulo, v. 135, n. 36, 2020. Disponível em <<https://ludopedio.org.br/arquivancada/nos-convidamos-a-cbf-a-trazer-reformas-de-igualdade-de-genero-para-o-brasil/>> Acesso em: 20 jun. 2023.





\_\_\_\_\_. Women and football in Brazil: discontinuities, resistance, and resilience. **Movimento**, v. 27, e27001, p. 1-14, 2021.

MALVAR, Antonio Jorge Martins. **A participação das meninas nas aulas de educação física: dilemas de um professor no ensino do futsal**. 2020. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2020.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. **História**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.

MOREL, Marcia; SALLES, José. Futebol feminino. In: DA COSTA, Lamartine (Org.). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.

MOURÃO, Ludmilla. Representação social da mulher brasileira nas atividades físico-desportivas: da segregação à democratização. **Movimento**, v. 7, n. 13, p. 5-18. 2000.

OLIVEIRA, Anny Carolina; OLIVEIRA, Guilherme Saramago; CORRÊA Avani Maria de Campos. A história oral: uma metodologia de pesquisa qualitativa. **Prisma**, v. 2, n. 1, p. 63-77, 2021.

OLIVEIRA, Carla Cristina Santos. **Fatores desencadeadores para o início da prática esportiva dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos Londres 2012, Rio 2016 e Tóquio 2020**. 2021. 177f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Exercício e do Esporte). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

SÃO PAULO. Comitê de Ética em Pesquisa. **Manual sobre ética em pesquisa com seres humanos**. Secretaria Municipal da Saúde. São Paulo: Comitê de Ética em Pesquisa, 2004.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira. Futebol feminino em competições escolares. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E CIÊNCIAS DO DESPORTO DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA, 8. **Anais...** Porto, Portugal: Universidade do Porto, 2000.

SOUZA JUNIOR, Osmar Moreira; DARIDO, Suraya Cristina. A prática do futebol feminino no ensino fundamental. **Motriz**, v. 8, n. 1, p. 1-9, 2002.

SOUZA, Larissa Medeiros de; MAUX, Ana Andréa Barbosa; REBOUÇAS, Melina Séfora Souza. Impedimento? Possibilidades de Relação entre a Mulher e o Futebol. **Phenomenological studies**, v. 25, n. 3, p. 282-293, 2019.

TARRISSE, Ana. **"A História do futebol feminino no Brasil"**. Globo esporte, São Paulo. 2019. Disponível em: <<https://interativos.ge.globo.com/futebol/selecao-brasileira/especial/historia-do-futebol-feminino>>. Acesso em: 20 jun. 2023





TÓDARO, Luciano. **Considerações acerca do futebol feminino no país**. 43f. 1997. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, SP, 1997.

TODT, Nelson Schneider. Em busca do espírito olímpico: maturação biológica e iniciação esportiva. In: MORAGAS, Miquel de; DACOSTA, Lamartine (Orgs.). **Universidad y estudios olímpicos: Seminários Espanha-Brasil 2006**. Barcelona, Espanha: Centre d'Estudis Olímpics i de l'Esport (CEO-UAB), 2007.

**Dados do primeiro autor:**

Email: raphappr@hotmail.com

Endereço: Avenida Fernando Matos, 48, Barra da Tijuca, RJ, CEP 22621-090, Brasil.

Recebido em: 02/11/2023

Aprovado em: 20/12/2023

**Como citar este artigo:**

RIBEIRO, Raphaela Pimenta Peres e colaboradores. Futebol feminino, escola e cultura: possíveis impactos das aulas de educação física na perspectiva das atletas. **Corpoconsciência**, v. 27, e.16582, p. 1-18, 2023.

